

Nossa Presença junto ao povo negro e afrodescendente

“Canto versos, canto a história, narro os versos, e cifro a história. Quisera cantar os versos, para poder ler a história. Mas a minha história ninguém conta por isso faço música à história, história que vira versos”. (Luacover)

Somos frutos da história oral, por isso não é nada fácil escrever, nem mesmo as mais simples experiências do dia a dia. A história das Irmãs Catequistas Franciscanas nasceu quando acabou a primeira guerra mundial (1914), no Brasil, foi o período da República Velha passando por transformações sociais, econômicas, era das revoluções, expansão demográfica e por fim, imigração europeia. O chamado se fez caminho para atender a catequese e educação dos filhos dos colonos. Com o crescimento do grupo das catequistas buscando responder aos clamores da época, o Espírito Santo suscita vocações e espaços missionários. As catequistas vão para outras terras.

Como é bom a itinerância e a mobilidade humana! Graças a esse fenômeno é que as Irmãs Catequistas movidas pelo ardor do carisma enfrentaram o desafio de outras culturas, em outros estados brasileiros e mais tarde em outros países. Nesse encontro intercultural está o povo afrodescendente. Os negros vindos da África para o Brasil se espalharam por todos os lugares desse país. Em algumas regiões viviam na invisibilidade e a situação de vida era deplorável.

Com as mudanças de governo e as lutas populares cresceu a consciência de que o Brasil é um país pluricultural, graças as lutas do movimento negro e de consciência cidadã, as Irmãs Catequistas também se apropriaram dessa discussão e enfrentamento. Mais do que uma bandeira de luta é uma causa, a causa do povo negro.

São muitas, expressivas e profundas as experiências das Irmãs Catequistas Franciscanas junto aos povos afrodescendentes. O povo negro se ascendeu devagarinho, foi ocupando seu espaço na sociedade. E muito se tem a celebrar da contribuição, da presença das irmãs junto a esse povo. O engajamento nas políticas públicas para os afrodescendentes nas escolas / universidades, cursinhos pré-vestibular para negros, nas comunidades quilombolas, nos espaços sagrados, como as religiões de matrizes africana, favorecendo uma formação para a cidadania na luta contra o racismo e preconceito. Tem-se celebrado com alegria os ganhos dessas lutas.

Destaco a presença do carisma franciscano nas comunidades quilombolas na luta pela regularização dos territórios dos afrodescendentes. As visitas, encontros formativos, semanas missionárias, bem como, a formação, orientação sobre o impacto das grandes empresas mineradoras que chegam com muita força eliminando a cultura, expulsando essas minorias da sua terra.

Cresceu também a participação dos afrodescendentes nas esferas de governo municipal, estadual e federal. Com a democracia, esse processo favoreceu a participação das minorias nos espaços de decisão. São muitas as secretarias que atendem as necessidades das mulheres negras, da juventude negra, das educadoras negras, da população negra em geral. São conquistas que merecem ser celebradas.

A Pastoral Afro nasceu para atender as demandas do povo negro dentro e fora da Igreja, que ainda caminha a passos lentos, com muita resistência, sem recursos para investir na formação, na produção de saberes e ao mesmo tempo na divulgação das experiências positivas que acontecem nesses espaços da liturgia em processo de inculturação; seminários e congressos de agentes, bispos, sacerdotes, religiosas negras; as parcerias com as irmandades dos pretos, as associações de capoeira, de mulheres negras, os terreiros e congadas, verdadeiras tradições e devoções de luta e resistência.

Esses são espaços onde os excluídos afrodescendentes estão inseridos. Creio que o carisma franciscano cabe muito bem nesses espaços, se ainda não chegou, devemos nos perguntar a quem nós servimos? Não só por uma questão de identificação, mas por uma questão de luta pela defesa da vida. Na conjuntura atual, o grito de um povo ferido pelas novas migrações (continente africano) mais uma vez chega até nós Irmãs Catequistas Franciscanas. Como o Papa Francisco, vamos abrir nosso coração para acolher o irmão e a irmã que bate a nossa porta pedindo o pão da vida, solidariedade, justiça e partilha. A casa comum é nossa e todos devem ser acolhidos e amados.

Irmã Silvana Sampaio Gomes
Itaberaba- BA

Fontes:

LOPES, Maricel Mena – Abrindo Sulcos - Para uma teologia afro americana e caribenha. Editora Sinodal, São Leopoldo, 2004.

VALANDRO, Ede Maria, Um chamado se faz caminho – Congregação das irmãs Catequistas Franciscanas. Joinville, 1986

VICENTINO, Claudio, História Geral e do Brasil, editora Scipione, São Paulo.

CRB, Salmos, Orações e Poemas afro indígenas. Publicação CRB - 2017